



pt Notícias Anti-Capitalismo Anti-Colonialismo Anti-Heteropatriarcado

Escola de Inverno Ecologias Feministas de Saberes

Coimbra - CES-Alta | 21-24 de Janeiro, 2019

Por Teresa Cunha



pt Notícias Anti-Capitalismo Anti-Colonialismo Anti-Heteropatriarcado

Moçambique: Nasce uma “Alternactiva” de análise rigorosa

Foi recentemente lançada, em Maputo, uma plataforma online de debate democrática em Moçambique. Chama-se Alternactiva e nasce pela iniciativa de um grupo de jovens académicos e ativistas de vários sectores, e(...)

Por Boaventura Eugénio Monjane



pt Reflexão Anti-Heteropatriarcado

E ai Professora, Mulher também faz ciência?”

Fui convidada para um debate numa Radio FM em Fortaleza ? Ceará ? Brasil, para falar sobre Ciência, Agências de Fomento, há uns dez anos. Lá, um fato chamou minha atenção: Cinco homens, e eu, única mulher.(...)

Por Kelma Matos



pt Reflexão Anti-Capitalismo Anti-Colonialismo

SUS: 30 anos sendo comemorados com desconstitucionalização

O Sistema Único de Saúde ? SUS ? brasileiro, constitucionalizado em 1988, é resultado de luta do Movimento da Reforma Sanitária. O SUS reconhecido como uma política pública estatal, universal, gratuita e com(...)

Por Tânia Regina Krüger

pt Reflexão Anti-Capitalismo Anti-Colonialismo Anti-Heteropatriarcado

A delicada divisão entre notícias falsas e fluxos de informação alternativos - #7/9 Nilma Gomes

Durante a conferência internacional ?A imaginação do futuro. Saberes, experiências, alternativas? (Coimbra, 7-10 de novembro



de 2018), o Alice News entrevistou vários participantes e oradores - David Veloso(...)
 Por Nilma Lino Gomes



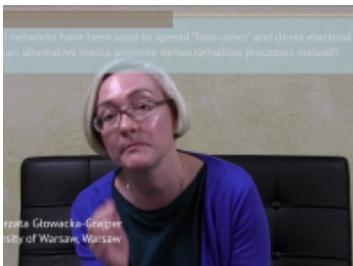
[pt](#) Reflexão Anti-Capitalismo

Dinâmica Social da Pobreza – aproximações iniciais.
 Analisar a pobreza pela lente sociológica consiste em observar a formação de um gradiente¹ estabelecido pela sua dinâmica, dimensão e intensidade. A reflexão da dinâmica social da pobreza aborta a ideia de(...)
 Por Rafael dos Santos da Silva



[en](#) Reflection Anti-Capitalism Anti-Colonialism Anti-Heteropatriarchy

The delicate divide between fake news and alternative information streams - #6/9 Mogobe Ramose
 During the international conference ?Imagining the future. Knowledges, experiences, alternatives? (Coimbra 7-10 November 2018) the Alice News interviewed the following participants and speakers David Veloso(...)
 By Mogobe Ramose



[en](#) Reflection Anti-Capitalism Anti-Colonialism Anti-Heteropatriarchy

The delicate divide between fake news and alternative information streams - #5/9 Małgorzata Grajper
 During the international conference ?Imagining the future. Knowledges, experiences, alternatives? (Coimbra 7-10 November 2018) the Alice News interviewed the following participants and speakers David Veloso(...)
 By Małgorzata Grajper

Facebook
 Twitter
 YouTube
 RSS

Centro de Estudos Sociais Tel +351 239 855 570
 Colégio de S. Jerónimo Fax +351 239 855 589
 Apartado 3087
 3000-995 Coimbra, Portugal alicenews@ces.uc.pt



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificados como original licenciados de acordo com a fonte.
 Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificados como original licenciados según la fuente.
 Original contents licensed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

Escola de Inverno

Ecologias Feministas de Saberes

Coimbra - CES-Alta | 21-24 de Janeiro, 2019

AN Original

2019-01-16

Por Teresa Cunha



Escola de Inverno Ecologias Feministas de Saberes

21 A 24 DE JANEIRO DE 2019
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO EPISTEMOLOGIAS DO SUL

A Escola de Inverno 'Ecologias Feministas de Saberes' é uma iniciativa do Programa de Investigação Epistemologias do Sul que tem dois objectivos principais. O primeiro é partir da premissa teórica de Boaventura de Sousa Santos, segundo a qual não há justiça social sem justiça cognitiva, para a ampliar e a radicalizar.

Sabemos que, ao longo da história, as mulheres¹ têm sido o grupo humano que a mais sistemas e camadas de opressão tem estado sujeito. Ora, esse carácter transversal, estrutural mas também plural das suas experiências tanto de vitimização, quanto de emancipação, deve ser completamente visível e crucial para as Epistemologias do Sul. Deste modo, afirmamos que não há justiça social e cognitiva sem justiça sexual. Ou seja, não há justiça social e cognitiva até que todas as mulheres, e demais identidades que se representam como femininas, assim como as suas práticas, conhecimentos e trabalhos, estejam livres de qualquer forma de discriminação, violência ou subalternização.

Interrogamos, pois, qualquer epistemologia, feminista ou não, que não ponha em evidência o perigo constante da single story; que não procure compreender a existência de várias estruturas narrativas e de conhecimento que homogenizam e amalgamam a intensa diversidade e, potencialmente infinita dos saberes e experiências das mulheres; e, não questionam as relações de poder que, de uma forma ou de outra, continuam a inferiorizar as suas funções, actividades, modos de vida e de dizer o mundo. Argumentamos, pois, que uma hermenêutica feminista das Epistemologias do Sul nos convoca a

colocar sob escrutínio os questionamentos teóricos e analíticos no que respeita a qualquer naturalização da subalternidade das mulheres. Pretendemos desconstruir qualquer aparato androcêntrico que esteja, explícita ou implicitamente, presente nas nossas análises e teorizações, por mais críticas que elas aparentem ser.

O segundo objectivo desta Escola tem como raiz conceptual a ecologia de saberes para buscar reconhecer, valorizar e validar ecologias feministas de saberes.

Assumida a incompletude de todos os conhecimentos e a arrogância e o autoritarismo de qualquer ciência que não seja profundamente feminista, um diálogo exigente entre diversos conhecimentos feministas e as Epistemologias do Sul abre a possibilidade de construir novos campos de saber, pensar e agir. Isto significa reconhecer, valorizar e validar a potência epistémica e social do mundo pensado e marcado pelas experiências e conhecimentos das mulheres, na busca de uma vida abundante e digna para todas e todos. Enfim, possibilita-nos ampliar conhecimentos para ler e captar as tensões e as desigualdades sexistas que existem e persistem e, perscrutar, nesse Sul, que é a metáfora dos conhecimentos nascidos nas lutas das mulheres, a sua formidável energia de superação e transformação. Esta Escola de Inverno procura desenvolver um pensamento feminista crítico, reflexivo e dialogante e um espaço de discussão e de construção de conhecimentos fortemente contextualizados e que visam alimentar as solidariedades Sul-Norte e Sul-Sul.



A nossa proposta de construção de Ecologias Feministas de Saberes em diálogo com as Epistemologias do Sul pressupõe três exercícios principais. O primeiro é conter as nossas memórias e narrativas de emancipação para abrir espaço a outras, porventura divergentes e mal compreendidas por nós. Para tal, é preciso praticar o auto-silenciamento para abrir os ouvidos e fechar a boca e, colocar, em causa a lógica abissal e de banda estreita com que costumamos pensar e escrever; desaprender para poder aprender de novo; e praticar a compaixão contra-condescendente para poder ouvir outras palavras, os silêncios ou os gritos escolhidos com que, muitas mulheres, dão conta da compreensão que têm delas mesmas e dos seus mundos. Trata-se, pois, de ultrapassar a pulsão de

elaborar e se apegar a uma qualquer narrativa-mestra de emancipação das mulheres.

O segundo exercício é construir uma epistemologia feminista insurgente que rompa com a persistente obsessão colonial que define, reduz e descreve as mulheres, no seu conjunto, através de três características fundamentais: as vítimas, subjugadas pela sua própria incapacidade ou incompetência; as excepcionais, capazes de ser como os homens, medida de todas as coisas; e as intocáveis, retidas na incomensurabilidade de divindades separadas radicalmente da vida. Neste sentido, as ecologias feministas de saberes são buscas plurais, tanto epistémicas quanto políticas de relações sociais que, por diferentes razões, se apresentam livres, ou em processo de libertação, do controlo colonial cognitivo. Este exercício implica, pois, assumir a importância dos conhecimentos que emergem a partir dos escombros provocados pelo colonialismo, em articulação com o capitalismo e o heteropatriarcado, e credibilizar o que neles são, já, prefigurações de descolonização epistemológica e subversão das relações sociais sexistas e de exploração capitalista existentes.

O terceiro exercício é metodológico. Construir conhecimentos feministas, insurgentes, contextualizados e emancipatórios significa submeter as nossas metodologias a um intenso questionamento crítico que as impeça de prolongar e alimentar a deriva extractivista e autoritária inscrita na ciência moderna ocidental. Para isso, destacam-se dois conceitos geradores: a ciência como conhecimento de retaguarda e a auto-reflexividade como insubmissão. Com o primeiro, vai-se muito

para além da oposição positivista entre quem pensa e quem age. Ser-se crítica de retaguarda significa, sobretudo, não se contentar com o que já se sabe e estar apoiando, alimentando, numa relação tensional, mas amorosa, as lutas, as possibilidades, os desafios colocados às ciências sociais ao serviço das transformações sociais pelo máximo de dignidade para todas e todos. A auto-reflexividade como insubmissão não é conhecimento per se mas amplia os campos de confrontação e de argumentação porque requer a presença do lugar de enunciação e da emoção. A auto-reflexividade permite transitar do trabalho reprodutivo e repetitivo do estado da arte para o trabalho produtivo de construção de conhecimento criativo e inédito porque é um campo de luta pelo poder de interpretar.

Pensar, construir e levar a cabo esta Escola de Inverno tem sido, em si mesmo, um processo colectivo e colaborativo. Somos uma equipa que conta com mulheres e homens, intelectuais e activistas feministas de vários países e sensibilidades e que coloca em diálogo conceitos, práticas, emoções, conhecimentos mas também sabedorias diversos. Vamos usar diferentes tipos de linguagem para pensar e dizer o mundo sem deixar de o querer transformar num lugar onde caibam todas as vidas. O programa que propomos é disso mesmo um exemplo uma vez que envolve a realização de seminários, oficinas, teatro, viagens e passeios (vd.: **PROGRAMA**)

Nós somos:

- [Agnes Arruda](#)
- [Begoña Dorronsoro](#)
- [Catarina Martins](#)
- [Gaia Giuliani](#)
- [Joacine Katar Moreira](#)
- [José Manuel Mendes](#)
- [José Miguel Pires](#)
- [Luciane Lucas dos Santos](#)
- [Luísa Valle](#)
- [Rita Kacia Oliveira](#)
- [Sandra Silvestre](#)
- [Sílvia Roque](#)
- [Teresa Cunha](#)
- [Vannessa Carneiro](#)

¹ Como não é objectivo deste texto não desenvolvemos a discussão em torno do potencial colonial e heteronormativo do conceito de ‘mulher’ quando pensado como um universal. No entanto, assinalamos aqui, não apenas o debate, como a nossa atenção a ele e a nossa partilha das críticas levadas a cabo por várias feministas. Ver bibliografia da Escola.



**EPISTEMOLOGIAS
DO SUL**



ces Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



1290
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra – Alta e Sefia
inscrita no Livro do Património
Mundial em 2013



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificados como original licenciados de acordo com a fonte.
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.
Original contents licensed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

Moçambique: Nasce uma “Alternactiva” de análise rigorosa

AN Original

2019-01-10

Por Boaventura Eugénio Monjane

Foi recentemente lançada, em Maputo, uma plataforma online de debate democrática em Moçambique. Chama-se **Alternactiva** e nasce pela iniciativa de um grupo de jovens académicos e ativistas de vários sectores, e ligados a movimentos sociais e organizações da sociedade civil. O **Comité Editorial** desta iniciativa de comunicação popular e alternativa conta com um doutorando do Centro de Estudos Sociais.



Alternactiva

Plataforma de Debate Democrático
pela Emancipação Social

O panorama da comunicação social em Moçambique é limitado e, como resultado, as possibilidades de publicação de análises e opiniões são também muito limitadas. Os grandes meios de comunicação social, incluindo televisão, rádio e jornais, estão sob controle do Estado.

As taxas muito baixas de alfabetização de adultos, combinadas com a pobreza generalizada, fazem da Rádio Moçambique, propriedade do Estado, o meio mais importante e acessível de comunicação de massas no país. O acesso à Internet está a aumentar a um ritmo acelerado, juntamente com o aumento da posse de smartphones e a expansão da infraestruturas de telecomunicações. A internet pode, por conseguinte, em breve desafiar a rádio como a principal fonte de informação em Moçambique, apresentando um desafio considerável ao controlo governamental dos meios de comunicação social, mas uma grande oportunidade para esta intervenção.

A longo prazo, **Alternactiva** pretende ser o espaço de debate mais participativo, abrindo espaço para camadas da sociedade que, embora com capacidade analítica, não têm um espaço credível para expor os seus pontos de vistas, para além das redes sociais.

A iniciativa surge numa altura em que a liberdade de expressão é cada vez mais ameaçada em Moçambique. Recentemente, jornalistas foram detidos pelas forças militares, enquanto trabalhavam numa área actualmente em conflito armado, na província de Cabo Delgado, norte de Moçambique. Num passado recente outro jornalista foi raptado e fortemente violentado por indivíduos que a polícia nunca logrou identificar, após ter se expressado, num debate televisivo, em relação à governação em Moçambique.

Há igualmente registos de assassinatos a jornalistas, invasão de residências e escritórios de activistas de organizações da sociedade civil.



**EPISTEMOLOGIAS
DO SUL**



ces
Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



1290
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Santa
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.

Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.

Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

E ai Professora, Mulher também faz ciência?”

AN Original

2019-01-02

Por Kelma Matos

Fui convidada para um debate numa Radio FM em Fortaleza – Ceará – Brasil, para falar sobre Ciência, Agências de Fomento, há uns dez anos. Lá, um fato chamou minha atenção: Cinco homens, e eu, única mulher. Todxs docentes. Cada um explicitou experiências na Universidade, o que estava pesquisando, desafios sobre financiamentos.



Não fui a primeira a falar, nem a segunda, nem a terceira. Não refleti sobre isso de imediato, apenas senti um incômodo quando, após ouvir, atentamente, meus colegas, em vez de ser apresentada, como eles, ouvi: “E aí Profa. Kelma, mulher também faz ciência?” Quantas vezes tive de respirar? Muitas. Viva Buda! Nesse período, além de todas as tarefas acadêmicas, feitas com amor, compromisso e vontade, tinham ainda as de casa, e outras tantas...., mas o que aquele homem, que sorria para mim, tinha haver com isso? Ele tinha aprendido socialmente que era “estranha” minha presença ali: o diverso, a diversa.

Respondi? Sim! Com tudo o que se espera da “racionalidade ocidental”, citando autores, abordagens teóricas, argumentos elucidativos, metodologias, como fazer e desenvolver projetos, enfim, tudo o que fizesse crer à audiência da emissora, que mulher também faz ciência. E veio tudo tão “certinho” (por isso é bom respirar correto, no diafragma. Acalma!). Arrematei, com toda a humanidade possível naquele momento: “Então, mulher também faz ciência. Muitas mulheres fazem ciência, junto com muitos homens”. Um engasgo, e “Parabéns Professora Kelma. Que trabalho!!! Parabéns a todos”.

Hoje é dia de agradecer a esse Senhor, que me inspira a escrever essas palavras, e me remete ao desafio de trazer registros sobre mulheres cientistas. Uma rápida “olhada” no “Dicionário da nova era, na internet”, o Google, e achamos muitos exemplos. Nesse caso, minha amostra foi intencional:



Marie Curie



Elizabeth Blackwell



Maria Montessori



Nise da Silveira



Mary Temple Grandin

Marie Curie – descobri essa mulher ainda na infância, folheando livros que meu pai me presenteava (Gratidão Papai!). Jamais a esqueci. Nesse livro, sobre cientistas, procurei fotos de outras mulheres, e não lembro de ter visto. Marie foi pioneira na investigação sobre a radioatividade. Trabalhou junto com Pierre, seu marido, e os dois obtiveram os créditos. Isso é fundamental. Através do trabalho delxs, com a descoberta do uso dos elementos de polônio (PO) e rádio (Ra) muitos estudos prosseguiram, assim como os tratamentos para curar o câncer. Marie Curie recebeu o Nobel de física, em 1903, e o de Química, em 1911, ainda em vida.

Elizabeth Blackwell foi a primeira mulher a diplomar-se em medicina nos Estados Unidos, em 1849. Abriu caminho para a sua irmã, que mais tarde fez o mesmo curso. E para ser reconhecida? O que Elizabeth teve de passar? O que era ou não apropriado para as mulheres na época? Quantas vezes mais que os homens precisou trabalhar para mostrar que produzia conhecimento?

Maria Montessori – Honro essa mulher com todo o meu Ser. Opondo-se à sociedade, em 1892, foi a primeira mulher italiana a frequentar a Faculdade de Medicina, e a concluir o curso, em 1896, com tese na área da psiquiatria. Trabalhou com crianças com “deficiências mentais”. Depois, voltou-se para a área da Educação. Revolucionou a Educação! Vejam o filme “Maria Montessori: Una Vita Per Bambini”. Trabalhou numa creche para filhos de operários no Bairro de San Lorenzo, em Roma. O Método Montessori baseia-se na liberdade, na descoberta das potencialidades que estão em cada um de nós, e podem ser desenvolvidas. Ela deu sua vida para a ciência em ação, que se faz na prática do cuidado.

Nise da Silveira – Brasileira. Nordestina. Alagoana. Psiquiatra. Trabalhou com Jung. Nasceu em 15.02.1905. Foi admitida na Faculdade de Medicina de Salvador com 16 anos, em 1921. Única mulher da sua turma, e mais 157 homens. Casou com um colega, Mário Magalhães, médico sanitário. Foi presa por mais de um ano, considerada subversiva. Revolucionou o tratamento clínico de pacientes por ser contra choques elétricos, lobotomia, métodos de tratamentos agressivos. Foi punida, transferida para o Centro Educacional Engenho de Dentro, atividade considerada “menor” para os médicos na época. No local não havia recursos. Criou ateliês de pintura, modelagem, para que através dos símbolos, da criatividade, os vínculos dos clientes fossem reatados com a realidade. Passou anos observando os trabalhos de seus clientes, e defendeu que as pinturas tinham algo em comum: eram MANDALAS. Os profissionais da sua equipe não concordaram, inicialmente. Nise insistiu que a expressão dos desenhos circulares eram “tentativas dos esquizofrênicos de se reorganizarem”. Ela baseava-se em Jung, e observava que as formas circulares auxiliavam no “reequilíbrio da psiquê”, em especial, nos momentos de crise. Assim, fotografou os desenhos, fez uma carta em francês, e enviou tudo para Jung, solicitando que ele confirmasse se eram realmente MANDALAS, o que aconteceu meses depois. O psicanalista ficou impressionado com o trabalho “feito em um hospício do subúrbio brasileiro”. Há muitas cartas entre Nise e Jung, que podem ser encontradas no Instituto Junguiano de Zurique. Há um filme imprescindível a ser visto “Nise, o coração da loucura”.

Mary Temple Grandin uma mulher que nasceu em 29.08.1947, com autismo, e transformou, para melhor, a forma como se tratavam os animais em fazendas e abatedouros. Tem o talento de “pensar e conectar imagens”, o que só foi percebido por um professor de Ciências, em uma escola para alunos superdotados. Ainda criança, sem conseguir falar, os médicos diziam para sua mãe que a internasse.

Mary foi incentivada e acompanhada pela mãe, e cursou até o doutorado. Realizou palestras sobre autismo, e falou como se sentem crianças e adultos que passam por essa situação. Teve uma experiência importante, ao observar, quando estava de férias na casa de um tia, no Arizona, que uma “jaula” de prender bovinos os acalmava. A partir daí, criou para si própria uma “máquina do abraço”, feita de madeira. Testou essa máquina em muitos alunos na Faculdade. O filme “Temple Grandin” é excelente. Fala da importância do bem estar animal, e mais, da inclusão e da prática dos valores humanos no cotidiano, de ir além de uma ciência que se fecha em caixas.

O que temos a aprender com essas e outras mulheres, com os homens, conosco? Seres humanos fazem ciência! E fazem ciência para quê? Para tornar a vida melhor de ser vivida. Assim, desejo que nas nossas diversidades possamos aprender mais sobre nós mesmos. Que seja um aprendizado que nos conecte com a nossa inteireza, e ultrapasse paradigmas, que não mais respondem às nossas necessidades de bem viver.

Hoje, vejo quantos homens e mulheres me ajudaram a fazer essas reflexões, a trilhar caminhos. Honro a todos esses homens em nome do Meu Pai, **Zenilton Lopes de Souza**, que sempre me perguntava, com doçura e amorosidade: “Já leu ‘As Três Irmãs?’”, livro que ele não tinha lido, mas desejava que seus filhos lessem, soubessem, e por isso também nos oferecia, músicas, muito samba, registros de alegria, bom humor e generosidade. E agradeço e honro a todas as mulheres, em nome da minha mãe, **Maria do Socorro Matos Lopes, cientista da vida**, mulher sábia e artesã, que cuidou para que seus filhos pudessem ter acesso às aprendizagens possíveis. Ofereceram o que estava ao seu alcance, no seu ofício de “gerar e cuidar de gente”. Aos dois, minha gratidão!

Kelma Socorro Lopes de Matos: Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (1988), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (1995), doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2001), Pós Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA (2011). Atualmente é Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará e Investigadora do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra (UC). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Cultura de Paz, Valores Humanos, Educação e Espiritualidade, Juventudes, Escola, Educação Ambiental.



**EPISTEMOLOGIAS
DO SUL**



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra – Alta e Santa
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificados como original licenciados de acordo com a fonte.
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.
Original contents licensed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

SUS: 30 anos sendo comemorados com desconstitucionalização

AN Original

2019-01-02

Por Tânia Regina Krüger

O Sistema Único de Saúde – SUS – brasileiro, constitucionalizado em 1988, é resultado de luta do Movimento da Reforma Sanitária. O SUS reconhecido como uma política pública estatal, universal, gratuita e com participação da sociedade, desde a sua regulamentação, tem colidido com os projetos de governos que o submeteram as necessidades de reprodução do capital. Os avanços em relação aos direitos sociais na Constituição, tão caros as lutas democrático-populares, possuem um caráter liberal-democrático-universalista, pois expressam as contradições da sociedade, no sentido de fazer conviver as políticas estatais e universais, com as políticas de mercado.



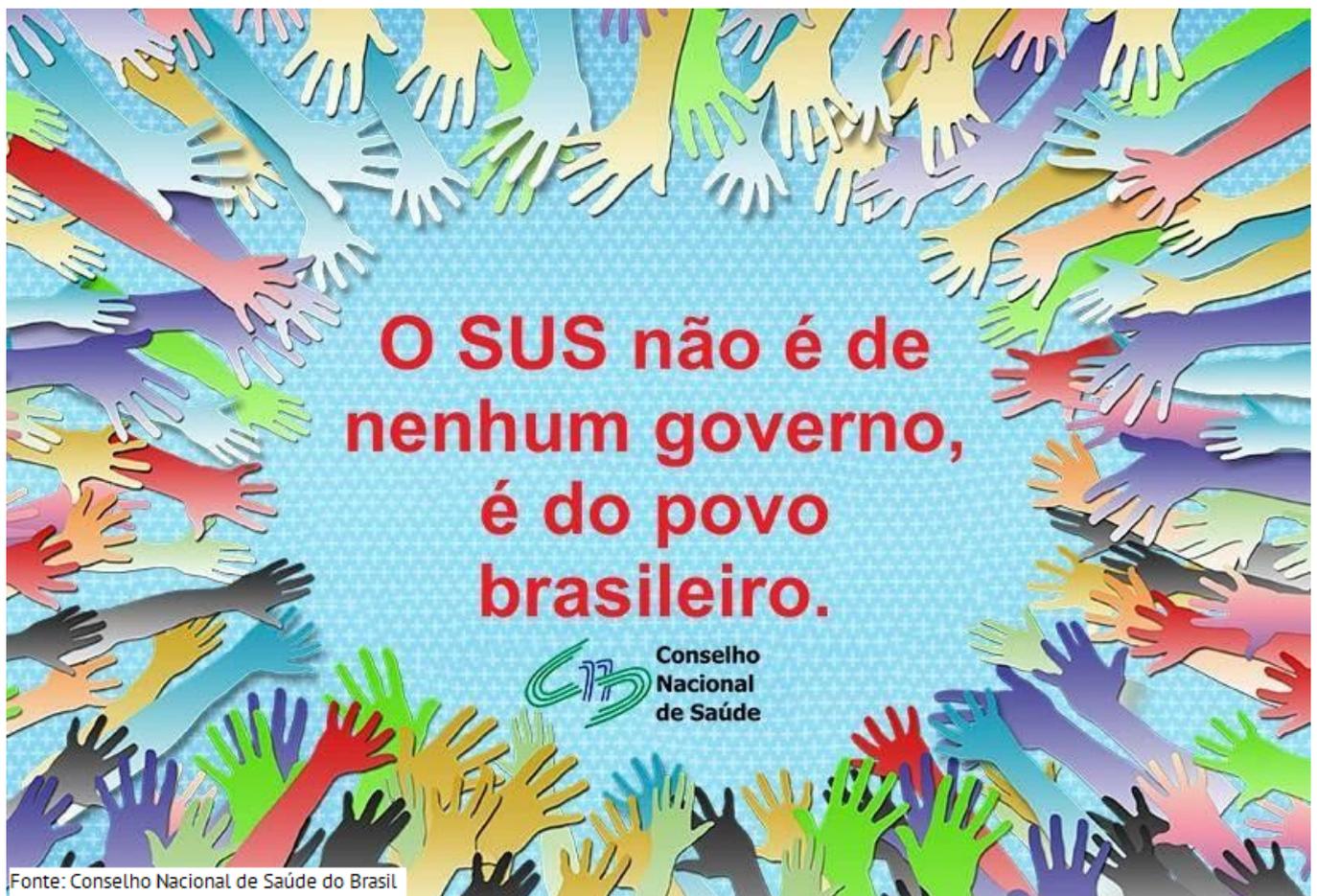
Em 2018, quando completa 30 anos, o SUS vem sendo ferozmente dilapidado e desconstitucionalizado, por uma conjuntura em que as bases da democracia liberal agonizam no Brasil¹. Mas as possíveis comemorações acontecem num momento no qual o país se confronta com um retrocesso sem precedentes no processo institucional do executivo, do legislativo e do judiciário e igualmente no campo valores sociais, vocalizados pela mídia, por algumas igrejas e por organizações da sociedade civil. Tal retrocesso é resultado de um esfacelamento da garantia dos direitos de cidadania como medida de ajuste econômico, mas que espetacularmente é divulgado pela mídia como *Uma Ponte para o Futuro*², como um manifesto *Brasil 200 Anos*³, como sendo *Um Ajuste Justo*⁴ e ainda como *O Caminho da Prosperidade - Proposta de Plano de Governo: Constitucional, Eficiente e Fraternal*⁵. Ou seja, é uma conjuntura de desconstitucionalização que envolve diretamente Plano de Governo, organismos internacionais, Emendas Constitucionais, legislações infraconstitucionais, desfinanciamento e sucateamento dos serviços públicos, sobretudo as políticas do tripé da Seguridade Social, da educação e do trabalho..

A partir da década de 1990 a implementação do SUS foi incipiente e descontinua, pois a gestão do Estado foi marcada pela orientação neoliberal. Nela as políticas sociais e de saúde passam a ser centrais no campo do mercado e da geração de lucros para o capital (LAURELL, 2017) e, portanto, passados trinta anos de Constituição de 1988, o SUS encontra-se na contramão das propostas de Reforma Sanitária.

A desconstitucionalização do SUS, aqui também chamada de contrarreforma, está avançando de maneira considerável desde 2016, num contexto de desmonte e privatização de empresas e dos serviços públicos estatais. A perversidade dessa desconstitucionalização está acontecendo, segundo Paim (2018), de forma que os interesses privados entranhados no DNA do SUS formam uma pressão empresarial que está desarticulando o pacto social firmado em 1988, ao mesmo tempo em que este SUS que está aí ainda é muito orgânico aos interesses privados pela necessidade do setor acessar o fundo público.

As medidas de austeridade adquirem contornos dramáticos, sob o risco reduzir o SUS, a uma “atuação subordinada e subalterna, como recurso complementar ao mercado, aos mercadores de doenças e às corporações autoritárias” (MIRANDA, 2017, p. 399). Entre estas medidas destacamos o congelamento do gasto público em saúde com a Emenda Constitucional (EC 95); o modelo de Cobertura Universal da Saúde (CUS), patrocinado pela Organização Mundial da Saúde, consiste na cobertura do seguro por meio de um pacote de serviços, por pessoa e variável conforme as condições socioeconômicas, desaparecendo a figura jurídica do direito a saúde, ficando a cargo do Estado a responsabilidade pelos mais vulneráveis. Uma espécie de serviço de cobertura universal em saúde está em tramitação na proposta de criação dos Planos de Saúde Acessíveis (“populares”) e na Proposta de Emenda Constitucional 451/2014, que obriga todos os empregadores a garantirem aos empregados serviços de saúde. E o processo de desconstitucionalização do SUS continua com inúmeras alterações legislativas: a Lei Nº 13.097/2015 estabelece a permissão de exploração do capital estrangeiro nos serviços de saúde; a perspectiva integradora e abrangente da Atenção Básica no SUS se rompeu com a Portaria Nº 2.436/2017 que fez a revisão das suas diretrizes; a redução do Programa Farmácia Popular; a alteração das diretrizes da Política Nacional de Saúde Mental (PNSM) sem ouvir a sociedade civil; o Decreto nº 9.057, de 25/05/2017, que credencia Instituições de Educação Superior para cursos de graduação à distância, sem prever tratamento diferenciado para a área da saúde; a liberação pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), do Benzoato de Emamectina, um agrotóxico bastante agressivo e de elevada neurotoxicidade; a Portaria nº 3.992/2017 que reduziu de seis para dois blocos de financiamento do SUS, que fragmenta o sistema ao flexibilizar o uso das verbas na ponta.

A tendência, portanto, caminha em direção ao progressivo empobrecimento e/ou extinção dos fundamentos do SUS, devido ao contexto de favorecimento de setores do mercado por meio das iniciativas como: expansão das contratualizações do setor privado e filantrópico; expansão do mercado de planos de saúde; o repasse dos serviços públicos para gestão de empresas como as Organizações Sociais; a transformação das unidades públicas em empresas como a Empresa Brasileira de Serviços



Fonte: Conselho Nacional de Saúde do Brasil

Hospitalares – EBSERH. Por outro lado continua o deslocamento da base social de apoio ao SUS e a cultura corporativa de direitos presente nas relações de trabalho, pois aproximadamente um quarto da população é cliente de plano privado de saúde. As proporções de despesas públicas (42%) e privadas (58%) que em poucos percentuais oscilaram nos últimos quinze anos (BAHIA, 2018) ajudam a sustentar a evidência da não universalização.

Assim, a defesa do SUS e da Reforma Sanitária é agenda continua para os segmentos progressistas. Essa agenda pressupõe lutas conjuntas pelos direitos sociais em uma pauta comum que permita o acúmulo de forças para resistir à ofensiva do capital. Nessas lutas e no processo de gestão de um sistema de proteção social que vá para além da saúde, a população de um país só terá condições de enfrentar as possíveis crises econômicas, se tiver saúde. Garantir direitos sociais (saúde, educação, trabalho, previdência, organização, acesso a terra e habitação e a ciência e tecnologia, que no nosso entender são direitos e políticas sociais estruturantes) que respondam as necessidades socioeconômicas não cabe na atual conta do PIB, por isso um projeto de desenvolvimento nacional, com base social efetiva precisa ser contra hegemônico a política vigente. Este é o grande desafio do Brasil, não subordinar a lógica financeira às necessidades sanitárias, e nem colocar o bem-estar como um problema, mas como uma oportunidade de desenvolvimento social e de reconhecimento dos mais de 200 milhões de habitantes.

Referências

- BAHIA, Ligia. Trinta anos de Sistema Único de Saúde (SUS): uma transição necessária, mas insuficiente. 01/08/2018 Artigos | CSP - Cadernos de Saúde Pública.
- LAURELL, A. C. Políticas de saúde em conflito: seguro contra os sistemas públicos universais. Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 24, p. 26-68, 2016.
- MIRANDA, A. S. A Reforma Sanitária encurralada? Apontamentos contextuais. Saúde debate, Rio de Janeiro, v. 41, n. 113, p. 385-400, abr. 2017.
- PAIM, J. S. 30 anos do SUS. Outra Saúde. Em 15 de mar. 2018. Salvador.
-

- ¹ FRASER, Nancy. O fim do neoliberalismo progressista. Brasil de Fato. 27 de Janeiro de 2017.
- ² MIGUEL, Luis Felipe “Estamos vivendo o capítulo brasileiro da falência global da democracia liberal”. Entrevista especial com Instituto Humanitas Unisinos On-line. Em 06/11/2018.
- ³ Aqui uma alusão ao documento do PMDB Uma Ponte para o Futuro. Brasília, out. 2015. Movimento “Brasil 200”, lançado em 18/01/2018 e pede presidente liberal na economia e conservador nos costumes. Ver mais em <https://www.brasil200.com.br/> Acesso em 05/02/2018.
- ⁴ BANCO MUNDIAL. Um Ajuste Justo - Análise da Eficiência e Equidade do Gasto Público no Brasil. 2017
- ⁵ BOLSONARO2018. O Caminho da Prosperidade - Proposta de Plano de Governo: Constitucional, Eficiente e Fraternal. Brasil acima de tudo. Deus acima de todos.



Tânia Regina Krüger

Professora de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisadora CNPq PQ2.

Cursando pós-doutorado no Centro de Estudos Sociais - CES, Universidade de Coimbra. tania.kruger@ufsc.br



**EPISTEMOLOGIAS
DO SUL**



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sufia
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificados como original licenciados de acordo com a fonte.
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificados como original licenciados según la fuente.
Original contents licensed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

A delicada divisão entre notícias falsas e fluxos de informação alternativos - #7/9

Nilma Gomes

AN Original - Fake News

2019-01-02

Por Nilma Lino Gomes

Durante a conferência internacional “A imaginação do futuro. Saberes, experiências, alternativas” (Coimbra, 7-10 de novembro de 2018), o Alice News entrevistou vários participantes e oradores - David Veloso Larraz, Françoise Vergès, Ian Ifversen, João Cezar Castro Rocha, Małgorzata Glowacka-Grajper, Mogobe Ramose, Nilma Gomes, Ramon Grosfoguel e Shiv Visvanathan - e colocou-lhes a seguinte pergunta “As redes sociais têm sido usadas para espalhar notícias falsas e dirigir processos eleitorais, de que forma podem os media alternativos promover processos de democratização?” As pequenas entrevistas em vídeo são publicadas uma vez por semana a partir de segunda-feira, 19 de novembro de 2018. Veja a entrevista com Nilma Lino Gomes



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificados como original licenciados de acordo com a fonte.
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificados como original licenciados según la fuente.
Original contents licensed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

Dinâmica Social da Pobreza – aproximações iniciais.

AN Original

2018-12-26

Por Rafael dos Santos da Silva

Analisar a pobreza pela lente sociológica consiste em observar a formação de um gradiente¹ estabelecido pela sua dinâmica, dimensão e intensidade. A reflexão da dinâmica social da pobreza aborta a ideia de adjetivá-la por fenômeno para sustentar-se na hipótese de escolhas políticas assentadas no uso insustentável da natureza, na pilhagem econômica e na concentração da riqueza. A própria expressão da antítese da justiça social.



Jesus sem Teto. Cidade do Vaticano, 2018

Imagem@Rafael Silva.

Para localizar o debate nos aproximamos do conceito de cidade urbana² com vistas a estabelecer diálogo com o quadro da Dinâmica Social da Pobreza. Nesse cenário apontamos a existência de três ciclos do problema cujos sentidos são vertical, horizontal e em profundidade. No sentido vertical do ciclo ocorre a desigualdade; no horizontal, revela-se a exclusão social, e finalmente, no sentido da profundidade encontra-se a miséria. Cada ciclo está ligado, respectivamente por um fio condutor estabelecido sob três ações: mutação, alcance e intensidade.

A junção entre ciclo e ação emerge o gradiente da pobreza cujas origens remontam respectivamente ao patriarcado, ao colonialismo e ao capitalismo. Aqui reside a base compreensiva do ciclo do problema que altera a substância de sua dinâmica no meio social. A seguir, caracterizamos o primeiro ciclo vertical da desigualdade.

Nos últimos tempos, Atkinson³ foi quem mais se dedicou ao tema da desigualdade afirmando haver duas características: a primeira é definida pela renda tornando distantes os extratos em função do acesso aos resultados materiais da produção; a segunda é centrada nas pessoas (gênero, raça, faixa etária). Enquanto uma afeta, a outra identifica.

O acesso desigual da riqueza, herança e renda, faz surgir subcategorias de pobreza comumente adjetivadas por relativa, extrema e absoluta. Tal composição é utilizada pelos órgãos governamentais para auferir a quantidade de pessoas afetadas pela desigualdade. Em regra geral é arbitrado um valor para cada uma das categorias - com U\$ 5,00/dia figuram no quadro da pobreza relativa, com U\$ 3,9/dia, para a pobreza extrema; e, com U\$ 1,90/dia⁴ para a categoria de pobreza absoluta. Essa classificação é nomeada de pobreza unidimensional, pois considera apenas a renda.

Os autores Stiglitz⁵, Pickett e Wilkinson⁶ indicam que os primeiros sintomas de uma sociedade assentada na desigualdade é a perda da coesão social, dando origem a problemas relacionados à criminalidade, má prestação dos serviços de saúde, educação e até processos eleitorais viciados. Essa definição expõe o segundo ciclo da pobreza cujo sentido é horizontal: a exclusão social.

Nessa etapa a exclusão demarca consequências que tornam os indivíduos vulneráveis. É nesse ciclo que ocorre a tipologia da pobreza denominada de multidimensional.

Historicamente, o conceito de exclusão social foi utilizado por Rene Lenoir⁷. Foucault⁸ chamou atenção para os mecanismos de poder que envolviam o tema. Em Victor Hugo⁹ encontra-se a narrativa da vida dos excluídos da França do século XIX. E, se Merton¹⁰ propôs o conceito de anomia, foi Wacquant¹¹ quem nos apresentou a dimensão das “underclasse”. Seguindo nessa perspectiva, Bourdieu caracterizou exclusão como um tipo de “violência simbólica, pois segrega o tecido social conferindo-lhes estigmas danosos”. Feito ação política direta tem consequências na formação de guetos onde o sentimento de injustiça é um aspecto visível que degenera na violação da ordem jurídica.

Isso nos faz recorrer novamente à ideia de horizontalidade como critério de exposição para tornar visível o “cordão sanitário¹²” composto principalmente pelos não cidadãos. Voltando a Wacquant, reside aí a chave para a instituição do controle social da pobreza ao operar, principalmente, na forma de opressão policial.

Contudo, Boaventura Sousa Santos¹³ avança na análise ao indicar a dialética entre os critérios de exclusão e de inclusão. Para o autor português a chave da compreensão está no estabelecimento de uma linha abissal que define politicamente quem irá ser, ou não incluído. Traduzindo, ao decidir incluir o cidadão, dialeticamente exclui-se o não cidadão. Deixaremos para outro momento o aprofundamento do conceito de cidadania.

Dando continuidade, avançaremos ao terceiro ciclo que é marcado pela profundidade, nomeadamente a miséria.

Os miseráveis são os mais pobres entre os pobres, afetados pela mais deletéria das condições: a fome. Dados recentes da FAO¹⁴ atestam que cerca de 17 milhões de pessoas foram expostas a esta condição - só em 2017 - totalizando 821 milhões de pessoas. Onde estão e quem são essas pessoas? Em geral, residem em regiões de conflitos, em ditaduras políticas ou em estados que por opção retiram de seus orçamentos as prioridades sociais. Na América Latina, 39 milhões de pessoas são condenadas a fome¹⁵. No Líbano, 85 mil crianças morrem por doenças associadas à desnutrição, e mais de 8 milhões de pessoas estarão expostas a fome ainda esse ano¹⁶.

De forma preliminar, os ciclos da Dinâmica Social da Pobreza compõem índices repetidos implicando somatório assumindo a forma de um gradiente. Nesse sentido, sua dinâmica revela-se numa perversa gramática social cuja descrição indica que no ciclo vertical - desigualdade - abrigam inicialmente aqueles afetados pela pobreza relativa. Esse grupo vai ser apresentado a multidimensionalidade da pobreza (extrema e absoluta) esfumando a fronteira entre renda e vulnerabilidade. Ao estabelecer sentido horizontal ao problema, a ação vai tornando-se decisiva no processo de exclusão social. Entretanto, reside no movimento seguinte às vítimas tanto do ciclo da dinâmica vertical, quanto da dimensão horizontal. Elas suportam o acúmulo do peso que as aprofundam na intensidade da pobreza: Ali, encontram-se os miseráveis.

Voltando as questões iniciais, afirmamos que, se a concentração da riqueza é suficiente para deslocar o indivíduo à condição de miséria, o efeito inverso, ou seja, a mera distribuição - apesar de útil - não reestabelece sozinho a dignidade. Isso ocorre em função da complexidade do processo de recuperação da cidadania, que passa pelas garantias da justiça social.

Por fim, expomos aqui, preliminarmente, o quadro teórico para compreender a Dinâmica Social da Pobreza estabelecida sob forma de um gradiente dinâmico cuja dimensão e intensidade afetam o indivíduo de forma vertical, horizontal e em profundidade. Para tanto, a ação política, se pretender ter efeito sobre essa dinâmica deve ser condicionada sob tal totalidade.

-
1. Ver conceito Einstein para definição de gradiente - "índices repetidos no mesmo fator implicam somatório"
 2. Esse conceito por ser aprofundado em Lefebvre, Havey e Park.
 3. Atkinson (2016) Desigualdade - o que fazer? - Tradução Luís Santos/João Quina - Bertrand - Lisboa.
 4. As faixas de renda são definidas pela ONU como critério nivelador para facilitar debate entre os países membros. Cada país pode adotar seu critério.
 5. Stiglitz, J. (2013) O Preço da Desigualdade - Bertrand, Lisboa - PT.
 6. Pickett, K. Wilkinson, R. (2010) O espírito da Igualdade - Editora Presença - Lisboa - PT
 7. Lenoir, R (1974) Les exclus. Um français sur dix. Paris: Le Seuil.
 8. Foucault, M. (1989) Vigiar e Punir 7ª Ed. Petrópolis - RJ: Vozes.
 9. Hugar, V - Les Miserables, Paris. 1870.
 10. Merton, R. K. (1989) Sociologia, Teoria e Estrutura. São Paulo: editora Hucitec.
 11. Wacquant, L. (2001) Os condenados da Cidade. Rio de Janeiro: Editora Revan.
 12. Young, J. A (2002) sociedade excludente. Rio de Janeiro: Renavan.
 13. Santos, Boaventura de Sousa. (1999) Reinventar a democracia: entre o pré-contratualismo e o pós-contratualismo: contraponto, 1999.

14. FAO (2018) El Estado de la Seguridad Alimentaria, y la Nutrición em el Mundo. disponível em <http://www.fao.org/americas/noticias/ver/pt/c/1152189/>

15. Ásia 515 milhões, África 256 milhões e América Latina, 39 milhões.

16. <https://www.publico.pt/2018/11/21/mundo/noticia/save-the-children-85-mil-criancas-menos-cinco-anos-mortas-1851899>



Rafael dos Santos da Silva

Universidade Federal do Ceará – UFC.
Universidade de Coimbra – FEUC/CES.



**EPISTEMOLOGIAS
DO SUL**



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.

Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.

Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.



en Reflection Original Anti-Capitalism Anti-Colonialism Anti-Heteropatriarchy

The delicate divide between fake news and alternative information streams - #6/9 Mogobe Ramose

AN Original - Fake News

2018-12-24

By Mogobe Ramose

During the international conference “Imagining the future. Knowledges, experiences, alternatives” (Coimbra 7-10 November 2018) the Alice News interviewed the following participants and speakers David Veloso Larraz, Françoise Vergès, Ian Ifversen, João Cezar Castro Rocha, Małgorzata Głowacka-Grajper, Mogobe Ramose, Nilma Gomes, Ramón Grosfoguel, Shiv Visvanathan. The question posed to them was “Social networks have been used to spread “fake-news” and direct electoral processes, how can alternative media promote democratisation processes instead?” The short video interviews collected are published one per week starting Monday, November 19, 2018. Watch the interview with Mogobe Ramose.



EPISTEMOLOGIAS DO SUL



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

1290
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



Universidade de Coimbra - Alas e Sotãs inscrita na Lista do Património Mundial em 2013



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.
Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.



en Reflection Original Anti-Capitalism Anti-Colonialism Anti-Heteropatriarchy

The delicate divide between fake news and alternative information streams - #5/9 Małgorzata Grajper

AN Original - Fake News

2018-12-17

By Małgorzata Grajper

During the international conference “Imagining the future. Knowledges, experiences, alternatives” (Coimbra 7-10 November 2018) the Alice News interviewed the following participants and speakers David Veloso Larraz, Françoise Vergès, Ian Ifversen, João Cezar Castro Rocha, Małgorzata Głowacka-Grajper, Mogobe Ramose, Nilma Gomes, Ramón Grosfoguel, Shiv Visvanathan. The question posed to them was “Social networks have been used to spread “fake-news” and direct electoral processes, how can alternative media promote democratisation processes instead?” The short video interviews collected are published one per week from Monday 19th of November 2018. Watch the interview with Małgorzata Głowacka Grajper.



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.
Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.
Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.